



HUMANISMO, UM TEMA AINDA NECESSÁRIO: EM TORNO DO HUMANISMO E DA FRATERNIDADE UNIVERSAL NA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA

*Humanism, a theme still necessary: toward humanism and universal fraternity
in the Social Doctrine of the Church*

Edivaldo José Bortoleto¹

RESUMO: Este artigo toma o *tema do humanismo* como questão central no pensamento que Francisco vem formulando em seu magistério, cujo pontificado iniciou-se em 2013, no contexto da renúncia do papa Bento XVI. John W. O'Malley diz que “ninguém esperava que o novo papa acendesse um entusiasmo quase maníaco e que o fizesse não apenas entre os católicos, mas também entre pessoas de outras tradições religiosas e, ainda mais surpreendente, em pessoas sem qualquer crença religiosa. De repente, uma longa era parecia ter acabado e uma nova parecia ter começado”². No humanismo de Francisco não se encontram separados *natureza, cultura, história e mistério*. Portanto, pode-se dizer que nele encontra-se uma *cosmologia* articulada com uma *filosofia e teologia da cultura e da história* cujo acabamento está no ápice de uma *mística*. Assim, três direções tomam este artigo enquanto perguntas investigativas. Primeira: como se apresenta o humanismo formulado por Francisco no contexto dos humanismos? Segundo: o humanismo formulado por Francisco e que se insere na Doutrina Social da Igreja é factível à construção de uma fraternidade universal? Terceiro: Quais condições teóricas e práticas podem ser encontradas na formulação de Francisco para a consecução e realização do projeto de uma fraternidade universal? Estas questões buscam e acenam na totalidade da *Laudato Si'* uma proposição de uma arquitetura de saberes, novidade ímpar na história das encíclicas desde Leão XIII no século XIX. A hipótese que atravessa esta reflexão é a de que Francisco formula um *humanismo libertador*, portanto, há um *giro* no interior da própria Doutrina Social da Igreja fazendo com que sua leitura eurocêntrica até o pontificado de Bento XVI se dê, doravante, em perspectiva desde as periferias do mundo globalizado, ou seja, desde a América Latina Caribenha, a África, a Ásia e a Oceania, subsumindo a *opção preferencial e solidária* pelos mais pobres.

PALAVRAS-CHAVE: Humanismo; Fraternidade Universal; Papa Francisco; Doutrina Social da Igreja; Magistério.

ABSTRACT: This article takes *the theme of humanism* as a central issue in the thinking that Francis has been formulating in his *magisterium*, of which pontificate began in 2013,

¹ Doutor em comunicação e semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); doutor em educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP); e professor da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: ejbortolo@gmail.com

² O'MALLEY SJ, John W. *História católica para a Igreja de hoje: como o nosso passado ilumina o nosso presente*. Petrópolis: Editora Vozes, 2021, p. 67-68.

in the context of the resignation of Pope Benedict XVI. John W. O'Malley says that "nobody expected that the new pope would ignite an almost manic enthusiasm and that he would do so not only among Catholics but also among people of other religious traditions and, even more surprising, among people of no religious belief at all. Suddenly, a long era seemed to be over and a new one seemed to have begun."² In Francis' humanism *nature, culture, history* and *mystery* are not separated. Therefore, it can be said that it contains a *cosmology* articulated with a *philosophy* and *theology of culture and history* whose completion is at the apex of a *mystique*. Thus, three directions take this article as investigative questions. First: how is the humanism formulated by Francis presented in the context of humanisms? Second: is the humanism formulated by Francis and which is part of the Social Doctrine of the Church feasible for the construction of a universal fraternity? Third: What theoretical and practical conditions can be found in Francis's formulation for the achievement and realization of the project of a universal fraternity? These questions seek and indicate in the entirety of *Laudato Si'* a proposition of an architectural knowledge, a unique novelty in the history of encyclicals since Leo XIII in the 19th century. The hypothesis that runs through this reflection is that Francis formulates a *liberating humanism*, therefore, there is a *turn* within the very Social Doctrine of the Church, making its Eurocentric reading until the pontificate of Benedict XVI take place, from now on, in perspective from the peripheries of the globalized world, that is, from Caribbean Latin America, Africa, Asia and Oceania, subsuming *the preferential and solidary option* for the poorest.

KEYWORDS: Humanism; Universal Fraternity; Pope Francis; Social Doctrine of the Church; Magistery.

Mas, ao mesmo tempo, torna-se atual a necessidade imperiosa do humanismo, que faz apelo aos distintos saberes, incluindo o econômico, para uma visão mais integral e integradora³.

Francisco é decisivo e incisivo nesta sua afirmação. O humanismo se nos impõe como uma questão imperiosa e categórica ao discutir em sua Carta Encíclica *Laudato Si'* – sobre o cuidado da casa comum, a crise climática, ambiental e social em que nos encontramos. O movimento analítico-reflexivo-compreensivo da Encíclica se dá na análise do *paradigma tecnocrático dominante* e na proposição de elementos para a construção de uma *ecologia integral* onde meio ambiente e dimensões humanas e sociais sejam integrados. Portanto, pode-se dizer que Francisco expõe e propõe uma *ecologia integral* onde *natureza* e *cultura* sejam perspectivadas de maneira integral e integradora sem perder a dimensão transcendente do *mistério*. Assim, *natureza, cultura* e *mistério* ganham um novo olhar na leitura feita por Francisco.

³ *Laudato Si'*, n. 141. *Grifos meus*.

Francisco em sua inteligência sensível capta de forma *microscópica* e *macroscópica* a questão central de nosso tempo: uma *crise ambiental* e uma *crise antropológica* em curso. Assim, como diz Francisco: “Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental”⁴.

Isto posto, este artigo toma o *tema do humanismo* como questão central não separado da *natureza*, da *cultura* e do *mistério*. As frases em epígrafes dão a atmosfera e o *leitmotiv* inspirador das linhas melódicas desta escritura, portanto. Dessa maneira se quer perguntar pela factibilidade do humanismo proposto por Francisco. Assim, três direções tomam este artigo enquanto perguntas investigativas. Primeira: como se apresenta o humanismo formulado por Francisco no contexto dos humanismos? Esta questão quer localizar o humanismo cristão, enquanto um novo humanismo, no contexto dos distintos e das diversas perspectivas dos humanismos. Segundo: o humanismo formulado por Francisco e que se insere na Doutrina Social da Igreja é factível à construção de uma fraternidade universal? Esta questão quer reconhecer quão o pensamento de Francisco está em sintonia com a Doutrina Social da Igreja, principalmente, o Concílio Vaticano II e as Conferências do Episcopado Latino Americano Caribenho (CELAM). Terceiro: Quais condições teóricas e práticas podem ser encontradas na formulação de Francisco para a consecução e realização do projeto de uma fraternidade universal? Esta questão busca e acena na totalidade da *Laudato Si'* uma proposição de uma arquitetônica de saberes, novidade ímpar na história das encíclicas desde Leão XIII no século XIX. A hipótese que atravessa esta reflexão é a de que Francisco formula um *humanismo libertador*, portanto, há um giro no interior da própria Doutrina Social da Igreja fazendo com que sua leitura eurocêntrica até o pontificado de Bento XVI se dê, doravante, em perspectiva desde as periferias do mundo globalizado, ou seja, desde a América Latina Caribenha, a África, a Ásia e a Oceania, subsumindo a *opção preferencial e solidária* pelos mais pobres. Assim, os dois conceitos articuladores e ao mesmo tempo paradigmáticos desta reflexão são *humanismo* e *libertação*. Com isto, Francisco imprime uma mudança de rota no Magistério da Igreja e de sua Doutrina Social ao subsumir a causa do pobre, do oprimido, do abandonado, da vítima do sistema-mundo organizado pela lógica do mercado.

⁴ *Laudato Si'*, 139.

1. Os humanismos e o humanismo libertador de Francisco

Como se apresenta o humanismo formulado por Francisco no contexto dos humanismos? Colocar o tema do humanismo é colocar o tema do homem enquanto uma questão decisiva. Tal tema é recorrente no âmbito da mitologia, da religião, da arte, da filosofia, da ciência e da tecnologia e, os destinos do humano, enquanto sua origem, seu fim último e seu sentido serão interrogados tanto na *ordem do tempo* quanto da *ordem do espaço* das respectivas culturas e de seus respectivos momentos históricos. Desta maneira, a questão do homem é de *per se* uma questão inesgotável. Também é inesgotável a questão do mundo, a questão da natureza, a questão da cultura e a questão do mistério. Estas questões, assim, estão todas imbricadas umas nas outras porque não se entende umas sem as outras. Mas, a questão de todas as questões que se nos impõe é sempre a questão do sentido.

Thomas Merton em *Homem algum é uma Ilha* diz que: “Por mais decadentes que pareçam o homem e o mundo e por mais terrível que se torne o desespero humano, enquanto o homem continuar a ser homem, é a sua própria humanidade que continuará a dizer-lhe: a vida tem um sentido”⁵. Na mesma direção da indagação pela questão do sentido Albert Camus em *O mito de Sísifo* diz que: “Só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à pergunta fundamental da filosofia”⁶. O *monge* da Abadia de Getsêmani nos EUA e o *filósofo* argelino franco-africano se afinam quanto à proposição da questão do sentido. Única questão verdadeiramente filosófica e também teológica, mas também, artística, científica e tecnológica, pois o homem sem ser *a medida de todas as coisas* é o *articulador de sentido de todas elas*. Nesta perspectiva pode-se então dar uma outra direção à religião, à arte, à filosofia, à ciência e à tecnologia enquanto distintas *Weltanschauung*, mas imbricadas, umas às outras, onde o homem sem ser a *medida* e o *centro* é o *articulador de sentido de todas as coisas* e dele mesmo, sempre no signo que organiza e estrutura as coisas, inclusive o humano, enquanto linguagem verbal e não verbal. Assim, a linguagem cria, organiza e ordena todas as coisas e a humanidade e, possibilita sempre o dizer e doar sentido. *Então, no princípio era a palavra! Palavra criadora, procriadora e ordenadora! Signo Dabar e Signo Lógos! Dabar* enquanto criação e procriação e, *Lógos* enquanto

⁵ MERTON, Thomas. *Homem algum é uma ilha*. Campinas: Verus Editora, 2003, p. 9.

⁶ CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. 17. ed. Rio de Janeiro - São Paulo: Editora Record, 2019, p. 17.

ordenação! Duas tradições semióticas que se encontram para dizer da linguagem, uma *semita* e outra *grega*.

Pelo método da homologia pode-se portanto, encontrar o tema do homem em todas as dimensões do saber bem como em todas as culturas tanto em sentido *diacrônico* quanto *sincrônico*. Desta maneira se se olha para o conjunto de todas estas realidades sem um *centro* e sem *hierarquias*, em que pese que nosso mundo seja pensando e organizado de forma hierárquica em todas as dimensões que compõem a cultura e, também, na geopolítica que organiza o mundo em centro e em periferia, pode-se reconhecer que há uma *pluriversidade* e *plurissignificação* do tema do homem. É necessário insistir nesta questão. Isto Por que? Justamente porque o tema do humanismo não é um tema exclusivo da Doutrina Social da Igreja. É um tema anterior à ela. Assim, se quer tomar o tema do humanismo na Doutrina Social da Igreja conjuntamente com outras tantas e inúmeras perspectivas para demonstrar aonde reside as notas de diferenciação, sem necessariamente estabelecer um *centro* e uma *hierarquia*.

Ora, se é verdade que o tema do humanismo é anterior à própria Doutrina Social da Igreja, bem como ao próprio advento do Cristianismo, é verdade também que, os humanismos que se seguem ao próprio cristianismo são tributários deste. Assim, é neste sentido que Julia Kristeva reconhece que os *humanismos secularizados* são herdeiros do cristianismo quando diz que:

Desse humanismo cristão, entendido como um “ultrapassamento” do humano, como o acoplamento dos desejos e do sentido através da linguagem – contanto que se trate uma linguagem de amor –, o humanismo secularizado é o herdeiro muitas vezes inconsciente. Ele se separa dele afinando as suas próprias lógicas, das quais eu gostaria de delinear *dez princípios*. Que não são dez mandamentos, mas sim dez convites para pensar pontes entre nós⁷.

Vale seguir os dez princípios propostos por Julia Kristeva pois, mais que mandamentos, tal como ela mesma diz, são convites para se pensar e, mais que normas, são princípios heurísticos para se investigar. Alguns destes princípios orientam a atmosfera desta reflexão e são tomados à sério aqui.

No limite deste capítulo, portanto, não é possível abarcar o conjunto dos humanismos, questão que poderá ser enfrentada em outro momento. No entanto, é possível estabelecer algumas características considerando as noções de *perspectiva* e de *método*. Battista

⁷ KRISTEVA, Julia. Um novo humanismo em dez princípios. Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, 30 de outubro de 2011. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/173-noticias-2011/502342-um-novo-humanismo-em-dez-principios-artigo-de-julia-kristeva>. Acesso em: 20 jul. 2023.

Mondin em sua *Introdução à Filosofia*⁸ entendendo a questão do humanismo em leitura antropológica, estabelece um quadro sintético e didático para tal questão. Assim, do ponto de vista da *perspectiva*, o pensador italiano reconhece três direções: a *cosmocêntrica*, a *teocêntrica* e a *antropocêntrica*. Na perspectiva *cosmocêntrica* o **mundo** é o ponto de partida e, representantes desta visão são Platão, Aristóteles, os Epicuristas, os Estoicos, Os Neoplatônicos, etc. Na perspectiva *teocêntrica* **Deus** é o ponto de partida e representantes desta visão são os Padres da Igreja e os Escolásticos e, aqui se insere a Doutrina Social da Igreja que tem sua fundação no século XIX com o Papa Leão XIII. Na perspectiva *antropocêntrica* o **Homem** é o ponto de partida e representantes desta visão são Descartes, Hume, Kant, Hegel, Comte, Marx, Freud, Proudhon, Bakunin, Kropotkin, Stirner, Nietzsche, Heidegger, etc.

Do ponto de vista do *método* Battista Mondin reconhece quatro tipos principais, quais sejam: *Antropologias metafísicas* (Platão, Aristóteles, Plotino, Agostinho, Tomás de Aquino, Descartes, Spinoza, Leibniz, etc.); *Antropologias naturalísticas* (Darwin, Comte, Spencer, Freud, etc.); *Antropologias historicistas* (Vico, Marx, Croce, Gadamer, etc.); e, *Antropologias existenciais* (Scheler, Heidegger, Sartre, Ricoeur, Merleau-Ponty, Marcel, Gehlen, etc.)⁹.

Se se olha mais atentamente para estas perspectivas com suas respectivas abordagens metodológicas pode-se visualizar três grandes projetos de civilização dos quais toda a tradição ocidental, principalmente, é herdeira, tais como a *Paideia* grega, a *Humanitas* latina e a *Bildung* germânica. Nestes três grandes projetos três imagens de homem e, portanto, de humanismo, emergem e estão em curso. Cada um destes projetos esquadrinha uma imagem de homem que está em conexão e relação com imagens de Deus, de Cosmos, de Cultura, de Sociedade etc. Sob este aspecto a Doutrina Social da Igreja enquanto um humanismo cristão, porta uma imagem de homem e de mundo enquanto criaturas saídas das mãos de um Deus trinitário que cria do *nada* em sua vontade e amorosidade *tudo* à sua imagem e semelhança. Aqui, então, reside uma característica fundamental da Doutrina Social da Igreja enquanto um humanismo que recolhe os valores da *imanência* (homem enquanto pessoa, natureza, cultura, história) e da *transcendência* (Deus Pai, Filho e Espírito em revelação). Do ponto de vista da perspectiva, a Doutrina Social da

⁸ Cf. MONDIN, Battista. *Introdução à Filosofia: problemas – sistemas – autores – obras*. São Paulo: Paulus, 1980, p. 54-70.

⁹ Cf. MONDIN, Battista. *Introdução à Filosofia: problemas – sistemas – autores – obras*. São Paulo: Paulus, 1980, p. 56

Igreja é *teocêntrica* e, do ponto de vista do método, é *antropologia metafísica*. Estes elementos e traços são necessários para a compreensão desta forma de *humanismo cristão* enquanto distinto do *humanismo secularizado*. Neste humanismo cristão dois projetos de civilização se fundem, o da *Paideia* grega e o da *Humanitas* latina. Enquanto a *Bildung* germânica está para a dimensão da cultura alemã que se forma no *húmus*, principalmente, da tradição da Reforma Protestante saída das mãos de Lutero e dos demais reformadores, a Doutrina Social da Igreja com a fusão da *Paideia* grega e da *Humanitas* latina está para a tradição da Reforma Católica saída do Concílio de Trento. Estas conexões e inter-relações fazem-se necessárias de serem compreendidas no tempo e no espaço. Isto por que? Por que o princípio advindo da Reforma Protestante está essencialmente para as duas tradições na modernidade ocidental até hoje: *Ecclesia reformata semper reformanda est secundum verbum Dei!* A Igreja reformada está sempre em reforma, sempre de acordo com a palavra de Deus!

2. O humanismo libertador de Francisco e o projeto da fraternidade universal

O humanismo formulado por Francisco e que se insere na Doutrina Social da Igreja é factível à construção de uma Fraternidade Universal? No início deste capítulo a *Laudato Si'* de Francisco foi evocada para se colocar a questão do humanismo. Em sua introdução Francisco a insere no magistério social da igreja assim dizendo: “Espero que esta carta encíclica, que se insere no magistério social da Igreja, nos ajude a reconhecer a grandeza, a urgência e a beleza do desafio que temos pela frente”¹⁰. Assim, toda a produção de pensamento de Francisco em forma de exortação e de encíclica constitui-se não só inserida nele, no Magistério, mas também, colocando em curso o desenvolvimento da própria Doutrina Social da Igreja. Desta maneira, tomando o Pontificado de Leão XIII até o Pontificado de Francisco, todos os Papas contribuíram e desenvolveram o corpo teórico e doutrinário desta tradição de pensamento que já tem a duração de 129 anos. Não tem lugar aqui expor este rico desenvolvimento do magistério social da Igreja nos contextos dos respectivos pontificados em seus contextos histórico, social, político, econômico, científico, tecnológico e cultural, mas se quer tomar pelo menos como marcos, as encíclicas *Rerum Novarum* – sobre a condição dos operários, de 15 de Maio de 1891, de Leão XIII, no século XIX, a *Pacem in Terris* – a paz de todos os povos na base da verdade,

¹⁰ *Laudato Si'*, 15.

justiça, caridade e liberdade, de 11 de Abril de 1963, de João XXIII, no século XX e, a *Laudato Si'*, de 24 de Maio de 2015 de Francisco, no século XXI. No contexto destes marcos se quer também tomar dois grandes eventos: o Concílio Vaticano II e as conferências do CELAM como eventos teológicos e eclesiológicos com implicações na história, na sociedade e nas relações humanas em suas diversificadas formas, portanto, no mundo da Cultura. Estes dois grandes eventos são fundamentais para a hipótese que se persegue neste capítulo no sentido de apontar que, em Francisco, se encontra um *humanismo libertador* que, por sua vez, instaura um *giro paradigmático* decisivo na Doutrina Social da Igreja e no próprio magistério social da Igreja.

Por que tomar *Rerum Novarum*, *Pacem in Terris* e *Laudato Si'* como marcos referenciais? Justamente porque elas operam como grandes dobradiças para se compreender a Doutrina Social da Igreja em seu desenvolvimento e em sua evolução. Mas, pelo menos duas notas são necessárias. Uma primeira é sobre as raízes de uma encíclica ou uma exortação que se constitui em gênero literário saído das mãos de um Papa. As origens se encontram nas Escrituras, tanto o Antigo Testamento quanto o Novo Testamento, bem como no pensamento patrístico e no pensamento escolástico. Portanto, no que diz respeito às fontes da Doutrina Social da Igreja, esta está baseada: na visão bíblica, na tradição dos Padres da igreja, na filosofia Escolástica, na reflexão teológica e, na atual experiência do povo de Deus que luta para viver a fé na justiça. Então, pode-se dizer que o que está em movimento em um texto papal é compreender a realidade à luz da *Revelação* e à luz da *Experiência/Vivência* de um determinado contexto. Uma encíclica ou exortação é sempre, portanto, a expressão de um contexto (histórico, social, político, econômico, cultural) lido à luz da *Revelação*¹¹.

Uma segunda nota é que uma encíclica e uma exortação constituem-se *em e portam* uma *Weltanschauung*. Na citação que Van Gestel faz de M. Clement em sua *Introduction à la Doctrine Sociale de l'Eglise*, confirma-se a afirmação: “A doutrina social da Igreja é uma visão do mundo. Visão completa, visão religiosa do homem, da família, da economia, da política, da paz do mundo: Visão total – mais do que qualquer outra -, mas não totalitária, pois ela não procura impor mas expor”¹². Visão total, mas não totalitária, portanto, uma visão de totalidade da realidade, sem necessariamente ser a última palavra, portanto, não é uma imposição, mas sim uma exposição de problemas que emergem desde uma realidade e sempre lida à luz da *Revelação*. Isto tudo, porque a Igreja não tem uma

¹¹ Cf. VÁRIOS. *Nosso grande segredo: ensino social da Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1993.

¹² GESTEL, C. Van. *A Igreja e a questão social*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1956, p. 60.

solução para todos os problemas, mas sempre tem algo a expor, a dizer, uma vez que ela se reconhece muito mais como *perita em humanidade e mãe e mestra*. Neste espírito diz Francisco em *Laudato Si'*: “Sobre muitas questões concretas, a Igreja não tem motivo para propor uma palavra definitiva e entende que deve escutar e promover o debate honesto entre os cientistas, respeitando a diversidade de opiniões”¹³. Assim, o espírito de uma encíclica e exortação é sempre de *abertura* à realidade e de *escuta* sempre à luz da Revelação. Pode-se dizer, então, que *problema* no âmbito da imanência e *mistério* no âmbito da transcendência se encontram e dialogam, pois, à luz da Revelação o mundo e o homem enquanto pessoa estão informados da dinâmica da Trindade, pois a resolução das questões da cultura nunca se faz em forma de violência, mas sim, sempre em forma de paz! O Cristianismo é a religião da paz, enquanto expressão da justiça e do amor, portanto.

Assim, o marco inicial da Doutrina Social da Igreja localiza-se no século XIX quando já da realização dos dois grandes signos do referido século: a Revolução Industrial (1760-1820/1840) e a Revolução Francesa (1789-1799), ambas, sob o signo do capitalismo liberal em curso. A Doutrina Social da Igreja irá se impor como uma analítica social conjuntamente com outras duas importantes analíticas, a anarquista e a marxista. Assim, estas três analíticas sociais se posicionam diante da barbárie reinante produzida pelo capitalismo liberal: populações miseráveis nos subúrbios das cidades, desumanas condições de trabalho e exploração de crianças, mulheres e operários, salários de fome, Estado a serviço da economia liberal e da dominação de uma classe social operária emergente, ausências de organismos de luta e de resistência tais como os sindicatos, os partidos políticos e os movimentos sociais para reivindicarem justiça social. Neste contexto também as ciências como a física, a química, a biologia, a geometria e a linguística lançam as bases da Revolução Tecnológica que se encontra em curso até hoje. Também os avanços da Filosofia Moderna, principalmente, na Inglaterra, na França e na Alemanha sempre em tensão com a fé cristã, com a Revelação. Como diz Romano Guardini em *O Fim da Idade Moderna*: “Além disto há aquilo a que chamamos a deslealdade da Idade Moderna: o jogo de duas faces que por um lado recusa a doutrina e a ordem cristã da vida, mas por outro lado pretende chamar a si os seus efeitos sobre a cultura humana”¹⁴.

¹³ *Laudato Si'*, 61.

¹⁴ GUARDINI, Romano. *O fim da Idade Moderna*. Lisboa: Edições 70, 2000, p. 86-87.

A *Rerum Novarum* – sobre a condição dos operários, aparece: 12 anos depois da *Aeterni Patris* – sobre a filosofia cristã (1879) de Leão XIII; 43 anos depois do Manifesto do Partido Comunista de Karl Marx e Friedrich Engels (1848); 35 anos depois da convocação da Primeira Socialista Internacional (1864); e, quase um quarto de século de *O Capital* de Karl Marx. Estas aproximações são necessárias pois a Doutrina Social da Igreja, o Anarquismo e o Marxismo emergem no contexto do Capitalismo liberal que suscita as barbáries no século XIX e que seguem em curso até os dias de hoje. O Capitalismo é o solo de onde emergem estas três analíticas. Elas têm afinidades e diferenças, mas uma mesma fonte comum. Como diz Bortoleto:

Mas também emergem de um mesmo tronco onde se nutrem de uma mesma seiva: As três formulações têm em suas raízes na formulação Lucana presente em Atos: ‘Todos os que tinham abraçado a fé reuniam-se e punham tudo em comum: vendiam suas propriedades e bens, e dividiam-nos entre todos, segundo as necessidades de cada um’ (Lc 2, 44-45)¹⁵.

Assim, o Cristianismo primitivo está na base destas três perspectivas analíticas emergentes do século XIX que atravessam o século XX e, estão em frescor e vigor no século XXI, principalmente, quanto à crítica ao capitalismo, à lógica do mercado que gera exclusão, miséria, pobreza, vítimas do sistema. Assim, se quer olhar para elas muito mais como perspectivas analíticas complementares e portadoras de afinidades porque denunciam o estado de barbárie decorrente das perversidades do sistema capitalista.

Nesta direção, pode-se mirar a crítica feita por Leão XIII ao capitalismo liberal quando diz que:

(...) A usura voraz veio agravar ainda mais o mal. Condenada muitas vezes pelo julgamento da Igreja, não tem deixado de ser praticada sob outra forma por homens ávidos de ganância, e de insaciável ambição. A tudo isto deve acrescentar-se o monopólio do trabalho e dos papéis de crédito, que se tornaram o quinhão dum pequeno número de ricos e de opulentos, que impõem assim um jugo quase servil à imensa multidão dos proletários.¹⁶

O contexto do século XIX vê nascer a questão do operariado, do proletariado, que de agora em diante torna-se o personagem responsável pela produção no mundo do capitalismo. Da lógica e da engrenagem deste sistema constituído pela exploração de “pequeno número de ricos e de opulentos” “à imensa multidão dos proletários” pensadores anarquistas (Proudhon, Bakunin, Kropotkin, Malatesta, Emma Goldman etc) e marxistas (Marx, Engels, Lênin, Rosa Luxemburgo, etc.) também irão construir leituras de análises fecundas e necessárias revelando as fissuras de um sistema injusto e perverso

¹⁵ BORTOLETO, Edivaldo José. *Das Variações em torno do anarquismo e do marxismo: um debate ainda necessário aos campos da filosofia da educação*. 39ª Reunião Nacional da ANPED. Universidade Federal Fluminense, 20 a 24 de outubro de 2019.

¹⁶ *Rerum Novarum*, 2.

que ganha sua expressão máxima nos séculos XX e XXI, produzindo agora, guerras imperialistas (Primeira e Segunda Guerras) e a destruição da natureza provocando a crise climática. É neste horizonte que se compreende a *Pacem in Terris* e a *Laudato Si'*, a primeira fazendo a crítica a um mundo marcado pelas guerras e, a segunda, a um mundo marcado pela destruição do meio ambiente.

A *Pacem in Terris* – a paz de todos os povos na base da verdade, justiça, caridade e liberdade (1963) de João XXIII emerge no século XX como uma voz profética em um mundo marcado pelas duas Guerras mundiais (1914-1918 e 1939-1945), pelo Holocausto, pelo Gulag, campos forçados de trabalho, pela Guerra Fria (URSS e EUA), pela proliferação nuclear, pela destruição de Hiroshima e Nagasaki e, no Brasil, pelo golpe militar de 1964, bem como pelos regimes militares na América Latina Caribenha e, pelo subdesenvolvimento na América Latina Caribenha, na África e na Ásia. É neste contexto que está em curso o Segundo Concílio Vaticano Ecumênico (11 de outubro de 1962 a 8 de dezembro de 1965) proclamado por João XXIII e levado à cabo por Paulo VI. A *Pacem in Terris* está em sintonia tanto com a *Organização das Nações Unidas* (ONU) constituídas em 26 de junho de 1945 quanto com a *Declaração Universal dos Direitos do Homem* que foi aprovada em 10 de dezembro de 1948 pela assembleia geral da ONU. Como diz João XXIII:

(...) A estas instituições estão confiadas atribuições internacionais de grande importância no campo econômico, social, cultura, educacional e sanitário. As Nações Unidas propuseram-se como fim primordial manter e consolidar a paz entre os povos, desenvolvendo entre eles relações amistosas, fundadas nos princípios de igualdade, de respeito mútuo, de cooperação multiforme em todos os setores da atividade humana.¹⁷

“A paz na terra, anseio profundo de todos os homens de todos os tempos, não se pode estabelecer nem consolidar senão no pleno respeito da ordem instituída por Deus”¹⁸, diz João XXIII iniciando sua Encíclica *Pacem in Terris* e, *esta paz na terra*, só é possível de ser erigida na base da *verdade, justiça, caridade e liberdade*. Esta é a mensagem profética e decisiva em um mundo que se move nas guerras em bases tecnológicas, no uso perverso do poder, na lógica da dominação entre os povos e entre as pessoas. O Holocausto, o Gulag, Hiroshima e Nagasaki, os Golpes Militares na América Latina, dentre outros, são as formas de expressão de uma violência e do uso do poder. Aqui reside, portanto, o problema central que é o problema do *poder* e o problema da *violência* para dizer com Romano Guardini em *O Fim da Idade Moderna*: “Tem-se cada vez mais a impressão de

¹⁷ *Pacem in Terris*, 141.

¹⁸ *Pacem in Terris*, 1.

que o meio pelo qual se atingem estes problemas é sempre afinal a própria *violência*. Mas isto significa também que a *utilização errada do poder se transforma em lei*”¹⁹.

Laudato Si' – sobre o cuidado da casa comum, de Francisco, emerge no século XXI como um convite urgente à toda humanidade diante do mal cometido à “nossa irmã, a mãe terra!”. Assim, Francisco diz: “Lanço um convite urgente a renovar o diálogo sobre a maneira como estamos construindo o futuro do planeta. Precisamos de um debate que nos una a todos, porque o desafio ambiental que vivemos e as suas raízes humanas dizem respeito e têm impacto sobre todos nós”²⁰. O contexto da *Laudato Si'* segue sendo o capitalismo liberal tal e qual o contexto da *Rerum Novarum* que provoca a grande crise do proletariado e, o contexto da *Pacem in Terris* que provoca as guerras ainda em curso com armas tecnológicas sofisticadas, só que agora, a crise é a do planeta enquanto um todo, portanto, de uma crise planetária ímpar e sem precedentes na história humana. A crise do mundo operário no século XIX e a crise da paz no século XX agora formam, à maneira das águas dos rios que desembocam no oceano, a grande crise planetária onde o humano e o natural sofrem conjuntamente. Francisco, ao falar da desigualdade planetária, diz que: “O ambiente humano e o ambiente natural degradam-se em conjunto; e não podemos enfrentar adequadamente a degradação ambiental, se não prestarmos atenção às causas que têm a ver com a degradação humana e social”²¹. Aqui reside no processo do desenvolvimento e da evolução do magistério oficial da Igreja a novidade, ou seja, *Laudato Si'* é a primeira Carta Encíclica que abarca o problema do século XXI de forma planetária, onde todas as gentes e culturas e, toda a natureza, flora, fauna e elementos naturais estão comprometidos, portanto, toda criatura está desfigurada por causa do uso do poder – e aqui Francisco se deixa seguir por Romano Guardini – e pelo paradigma tecnocrático dominante que se impõe sobre a crise ambiental humana e o ambiente natural. Francisco, pensando com Guardini e operando sua lógica de *l'opposizione polare* – oposição polar –, reconhece que estamos vivendo uma mudança epocal. Isto se faz presente em sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, quando magistralmente diz:

A humanidade vive, neste momento, uma viragem histórica, que podemos constatar nos progressos que se verificam em vários campos. São louváveis os sucessos que contribuem para o bem-estar das pessoas, por exemplo, no âmbito da saúde, da educação e da comunicação. Todavia, não podemos esquecer que a maior parte dos homens e mulheres do nosso tempo vive o seu dia a dia precariamente, com funestas consequências. Aumentam algumas doenças. O medo e o desespero apodera-se do coração de inúmeras pessoas, mesmo nos chamados países ricos. A alegria de viver frequentemente se desvanece; crescem a falta de respeito e a violência, a desigualdade social torna-

¹⁹ GUARDINI, Romano. *O fim da Idade Moderna*. Lisboa: Edições 70, 2000, p. 75. Grifos meus.

²⁰ *Laudato Si'*, 14.

²¹ *Laudato Si'*, 48.

se cada vez mais patente. É preciso lutar para viver, e muitas vezes viver com pouca dignidade. Esta mudança de época foi causada pelos enormes saltos qualitativos, quantitativos, velozes e acumulados que se verificam no progresso científico, nas inovações tecnológicas e nas suas rápidas aplicações em diversos âmbitos da natureza e da vida. Estamos na era do conhecimento e da informação, fonte de novas formas de um poder muitas vezes anônimo²².

Evangelii Gaudium é o escrito de Francisco em forma de exortação que marca e anuncia o início do seu pontificado em 2013, portanto, sua carta programática que vem orientando sua condução da Igreja Católica. Ela está em sintonia com o pensamento do magistério da Igreja, principalmente, o Concílio Vaticano II. Mas é na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* – sobre a Igreja no mundo de hoje, que Francisco fundamenta, dentre outras tantas fontes, seu pensamento. Aí encontra-se a expressão máxima da noção de pessoa e do sentido mais elevado do humanismo cristão, do reconhecimento da autonomia do mundo e da ação de uma dimensão trinitária presente na história e, da dimensão de poder essencialmente enquanto serviço. Assim, diz *Gaudium et Spes*:

Por isso, proclamando a *vocação altíssima do homem* e afirmando existir nele *uma semente divina*, o Sacrossanto Concílio oferece ao *gênero humano* a colaboração sincera da Igreja para o estabelecimento de uma *fraternidade universal* que corresponda a esta vocação. Nenhuma ambição terrestre move a *Igreja*. Com efeito, guiada pelo *Espírito Santo* ela pretende somente uma coisa: continuar a obra do *próprio Cristo* que veio *ao mundo* para dar testemunho da verdade, *para salvar* e não para condenar, *para servir* e não para ser servido²³.

Se o pensamento de Francisco está em sintonia com o Concílio Vaticano II por um lado, por outro, está em estreita conexão com o CELAM em suas conferências realizadas desde Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007). Qual o grande *giro* e a *novidade* decisiva que o Episcopado Latino Americano realiza na América Latina Caribenha? É fundamentalmente a tomada de consciência que a Igreja faz pela América Latina Caribenha, principalmente aos mais pobres, reconhecendo neles um potencial evangelizador. Conforme Puebla acena:

O *compromisso com os pobres e oprimidos* e o surgimento das Comunidades de Base ajudaram a Igreja a descobrir o *potencial evangelizador dos pobres*, enquanto estes a interpelam constantemente, chamando-a à conversão e porque muitos deles realizam em sua vida os valores evangélicos de solidariedade, serviço, simplicidade e disponibilidade para acolher o dom de Deus²⁴.

Francisco é o único Papa dentre os últimos, desde João XXIII, que não participou do Concílio Vaticano II, no entanto, pode-se dizer que Francisco está em sintonia umbilical com ele. Tal como se lê na Introdução à edição brasileira do Concílio Vaticano II, “sentir

²² *Evangelii Gaudium*, 52.

²³ *Gaudium et Spes*, 203. Grifos meus.

²⁴ PUEBLA (1147. Grifos meus).

com a Igreja, no momento atual, significa sentir e sintonizar com o Vaticano II”²⁵. Também Francisco está em sintonia e sentindo com a Igreja na América Latina Caribenha no horizonte aberto pelo CELAM que subsume o “compromisso com os pobres e oprimidos”, portanto, faz uma “opção preferencial pelos pobres”, cuja evangelização e anúncio de Cristo Salvador implica na *libertação* e na *promoção humana*, ou seja, na “passagem de condições de vida menos humanas para condições mais humana” como diz Medellín²⁶. É no contexto das Conferências do Episcopado Latino Americano que Francisco terá um encontro decisivo tanto em sua vida quanto em seu pensamento, pois aí deu-se o seu encontro com o pensador uruguaio Alberto Methol Ferré (1929-2009). Ambos se encontraram já na década de 70 do século passado quando da preparação da III Conferência Geral do Episcopado Latino Americano. Methol Ferré colaborou de maneira significativa com o CELAM, traçando os momentos da Igreja latino-americana desde Puebla a Santo Domingo. Movendo-se naquilo que ele irá chamar de *tomismo silvestre*, pois soube ler Tomás de Aquino desde a realidade latino-americana-caribenha, Methol Ferré será um dos formuladores de uma autêntica Teologia da Libertação. A essa influência se somam tantos outros, mas principalmente, Juan Carlos Scannonne, pensador argentino e jesuíta, professor de Francisco, no horizonte, agora, de uma das expressões da Teologia da Libertação que será a Teologia do Povo. Para aprofundamento destas questões são necessárias dentre várias, as obras de Juan Carlos Scannonne – *O Evangelho da Misericórdia em espírito de discernimento: A ética social do Papa Francisco* (2019), *A Teologia do Povo: Raízes teológicas do Papa Francisco* (2019); de Massimo Borghesi – *Jorge Mario Bergoglio: Uma biografia intelectual* (2018); e, de Piero Coda – *A Igreja é o Evangelho: Nas fontes da teologia do Papa Francisco* (2018).

O Concílio Vaticano II e as Conferências do Episcopado Latino Americano (Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida) enquanto eventos teológicos e, ao mesmo tempo, portadores de uma análise de totalidade da realidade irão apresentar dois grandes paradigmas: o de *humanismo* e o de *libertação*. Desde aí é possível, então afirmar que o humanismo que emerge do pensamento de Francisco é um *humanismo libertador*. Isto instaura uma mudança radical na Doutrina Social da Igreja. Desde esta perspectiva Francisco abre à Doutrina Social da Igreja um *humanismo libertador* que subsume o

²⁵ KLOPPENBURG, Frei Boaventura e VIER, Frei Frederico (Introdução e Coordenação). *Compêndio do Vaticano II. Constituições – Decretos – Declarações*. 16. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1983, p. 7.

²⁶ KLOPPENBURG, Frei Boaventura e VIER, Frei Frederico (Introdução e Coordenação). *Compêndio do Vaticano II. Constituições – Decretos – Declarações*. 16. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1983, p. 7.

ambiente humano e social e o ambiente natural desde a opção preferencial e fundamental pelos pobres. Em *Laudato Si'*, Francisco assim diz:

Nas condições atuais da sociedade mundial, onde há tantas desigualdades e são cada vez mais numerosas as pessoas descartadas, privadas dos direitos humanos fundamentais, o princípio do bem comum torna-se imediatamente, como consequência lógica e inevitável, *um apelo à solidariedade e uma opção preferencial pelos mais pobres*. Esta opção implica tirar as consequências do destino comum dos bens da terra, mas – como procurei mostrar na exortação apostólica *Evangelii Gaudium* – exige acima de tudo contemplar a imensa dignidade do pobre à luz das mais profundas convicções de fé. Basta observar a realidade para compreender que, hoje, *esta opção é uma exigência ética fundamental para a efetiva realização do bem comum*.²⁷

3. Dimensões teórica e prática da arquitetônica de saberes do humanismo libertador de Francisco

Quais condições teóricas e práticas podem ser encontradas na formulação de Francisco para a consecução e realização do projeto de uma Fraternidade Universal? *A Laudato Si'* é portadora de um *humanismo libertador* que inclui tanto o ambiente humano e social e o ambiente natural, principalmente, os pobres e oprimidos. Este *humanismo libertador* é carregado de um alcance planetário, pois a crise climática global acompanhada da degradação ambiental tem por causas a lógica do mercado e a lógica do consumo no contexto, agora, do Capitalismo liberal que, em se globalizando, globaliza o mercado e o paradigma tecnocrático. Este paradigma segundo Francisco se impõe à economia e à política bem como às outras tantas dimensões da vida humana como família, educação, trabalho, etc. A economia deixa de ser *meio* para o *fim* que é a política enquanto construção do bem comum. Tanto uma quanto a outra se separam e estão separadas de uma ética. Assim, a economia se impõe conjuntamente com a tecnologia como formas de resolução dos problemas ambientais, humanos e sociais. No entanto, Francisco diz que: “(...) Mas o mercado por si mesmo, não garante o desenvolvimento humano integral nem a inclusão social (...)”²⁸. Em *Amoris Laetitia* – sobre o amor na família, isto fica evidente quando Francisco trata do fenômeno da migração enquanto um quadro dramático que devasta as famílias, principalmente, as mais pobres. “Por vezes, a pobreza extrema e outras situações de desagregação induzem as famílias até a vender os próprios filhos para a prostituição ou para o tráfico de órgãos”²⁹. Nesta exortação apostólica pós-sinodal é possível enquadrar a situação da família no âmbito da leitura mais global, bem como

²⁷ *Laudato Si'*, 158. Grifos meus.

²⁸ *Laudato Si'*, 109.

²⁹ *Amoris Laetitia*, 46.

outras tantas situações, que Francisco faz da realidade regida pela globalização do mercado. Esta lógica que vai se impondo de maneira avassaladora, porque separada da política e da ética, vai ao mesmo tempo instaurando desagregações tanto no ambiente humano e social quanto no ambiente da natureza. Como já visto, isto tem a ver fundamentalmente com a questão da violência e a questão do poder. Evocando Romano Guardini, Francisco diz que: “(...) A verdade é que ‘o homem moderno não foi educado para o reto uso do poder’, porque o imenso crescimento tecnológico não foi acompanhado por um desenvolvimento do ser humano quanto à responsabilidade, aos valores, à consciência. (...)”³⁰.

Anteriormente, ficou demonstrado a relação entre os dois paradigmas do *humanismo* e da *libertação*. A conexão e correlação entre *humanismo* e *libertação* implicou em reconhecer um *humanismo libertador* no coração da Doutrina Social da Igreja que subsume para o seu interior o paradigma da *libertação*, temática essencial e fundamental do pensamento latino americano caribenho. A Filosofia da Libertação e a Teologia da Libertação, em suas perspectivas plurais, emergem do continente empobrecido que é a América Latina Caribenha, mas também da própria África, Ásia, Oceania e, os pobres no interior dos países ricos e, vem tematizando desde o final da década de 60 do século passado a libertação enquanto uma forma de diagnosticar, propor e, ética e politicamente, comprometer-se com as causas das maiorias oprimidas. Assim, a Doutrina Social da Igreja ganha um traço eminentemente libertador, pois a própria realidade empobrecida, de pobres e oprimidos e das vítimas do sistema introduzem um novo conteúdo para o interior da Doutrina Social da Igreja: *a opção preferencial e solidária pelos pobres!* Puebla, assim, sinaliza que:

A contribuição da Igreja à libertação e promoção humana vem se concretizando num conjunto de orientações doutrinárias e critérios de ação que costumamos chamar ‘doutrina social da Igreja’, os quais têm sua fonte na Sagrada Escritura, na doutrina dos Santos Padres e dos grandes teólogos da Igreja e do Magistério, especialmente dos últimos papas. Como se evidencia desde sua origem, há neles elementos de validade permanente que se fundamentam numa antropologia nascida da própria mensagem de Cristo e nos valores perenes da ética cristã. Mas há também elementos que são alteráveis e respondem às condições próprias de cada país e de cada época (GS, Nota 1)³¹.

³⁰ *Laudato Si'*, 105.

³¹ Puebla, 472.

Ora, Francisco ao estar em sintonia com o Concílio Vaticano II e com as Conferências do Episcopado Latino Americano (Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida), estes dois grandes eventos teológicos e, porque não dizer culturais, da metade do século passado, instaura um *giro lógico-filosófico-teológico-científico* na Doutrina Social da Igreja. A *Laudato Si'* é a consequência lógica da *Evangelii Gaudium* e, por sua vez, aquela tem por consequência lógica por um lado a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Querida Amazonia* (2020) e a Carta Encíclica *Fratelli Tutti* – Sobre a fraternidade e a amizade social (2020). Assim, se se olha em conjunto todas estas obras conjuntamente com outros escritos de Francisco tem-se uma arquitetura inédita, onde as Ciências naturais, humanas, sociais, culturais e axiológicas (Lógica, Ética e Estética), a Filosofia, a Teologia e, a Espiritualidade e os Saberes dos Povos aborígenes, indígenas e dos movimentos populares se organizam enquanto uma arquitetura inédita, como já dito e, comportando dimensões teóricas e práticas com consequências e implicações em todas as dimensões da vida tanto humana e social quanto natural. Estas implicações se encontram fundamentalmente, no Capítulo V da *Laudato Si'* tais como: o diálogo sobre o meio ambiente na política internacional; o diálogo para novas políticas nacionais e locais; o diálogo e transparência nos processos decisórios; a política e economia em diálogo para a plenitude humana; as religiões no diálogo com as ciências; e, para todos estes diálogos, Francisco postula uma educação e uma espiritualidade ecológicas. O alcance destas proposições todas é de abrangência planetária e abarca a humanidade. Assim, diz Francisco: “Muitas coisas devem reajustar o próprio rumo, mas antes de tudo é a humanidade que precisa mudar. Falta a consciência de uma origem comum, de uma recíproca pertença e de um futuro partilhado por todos (...)”³². Desta maneira, pode-se dizer que a *Opera omnia* de Francisco tem alcance literário, filosófico, teológico, científico, pedagógico, de sapiência (sabedoria popular, aborígene, indígena) e, espiritual. Se muitos indagam sobre existir ou não uma teologia no ensinamento de Francisco, fica, mais do que evidente que em Francisco há uma arquitetura de pensamento que nenhum outro pontificado construiu. Aqui tem-se um edifício ímpar na história, desenvolvimento e evolução da Doutrina Social da Igreja. Com Francisco a Doutrina Social da Igreja se complexifica, ganha altura, largura e extensão e, parafraseando Francisco, o conjunto dos Saberes ganha e goza de uma *fraternidade e amizade* entre as diferentes áreas e campos que se constituem sempre em *abertura* e em *diálogo* com a realidade na totalidade de

³² *Laudato Si'*, 202.

todas as coisas, tudo isto porque a arquitetura de Francisco está informada pelo “frescor do sopro do Evangelho” como diz Piero Coda³³ e, porque também, fundamentado em São Boaventura que “indica-nos, assim, o desafio de tentar ler a realidade em chave trinitária”³⁴. Esta a razão pela qual Francisco incentiva e é simpático às pesquisas quando diz que:

É preciso investir muito mais na pesquisa para se entender melhor o comportamento dos ecossistemas e analisar adequadamente as diferentes variáveis de impacto de qualquer modificação importante do meio ambiente. Visto que todas as criaturas estão interligadas, deve ser reconhecido com carinho e admiração o valor de cada uma, e todos nós, seres criados, precisamos uns dos outros. Cada território detém uma parte de responsabilidade no cuidado desta família, pelo que deve fazer um inventário cuidadoso das espécies que abriga a fim de desenvolver programas e estratégias de proteção, cuidando com particular solicitude das espécies em vias de extinção³⁵.

Desta maneira, parece que a proposição de Francisco para uma Ecologia Integral que comporta seu *humanismo libertador* porta uma visão planetária, pois tudo está interligado. Na *Laudato Si'* e na *Fratelli Tutti*, Francisco evoca Francisco de Assis que é um “modelo belo e motivador”. Pode-se evocar, então Francisco e também Clara. Francisco também evoca São Boaventura. Deste diz que: “(...) São Boaventura, seu discípulo, contava que ele, ‘enchendo-se da maior ternura ao considerar a origem comum de todas as coisas, dava a todas as criaturas – por mais desprezíveis que parecessem – o doce nome de irmãos e irmãs (...)’³⁶”. Mas também, Francisco evoca Santo Tomás. Assim diz:

O conjunto do universo, com as suas múltiplas relações, mostra melhor a riqueza inesgotável de Deus. Santo Tomás de Aquino sublinhava, sabiamente, que a multiplicidade e a variedade “provêm da intenção do primeiro agente”, o qual quis que “o que falta a cada coisa, para representar a bondade divina, seja suprido pelas outras”, pois a sua bondade “não pode ser convenientemente representada por uma só criatura”. Por isso, precisamos individuar a variedade das coisas nas suas múltiplas relações³⁷.

Referências

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2004.

BORGHESI, Massimo. *Jorge Mario Bergoglio: uma biografia intelectual*. Petrópolis: Editora Vozes, 2018).

³³ CODA, Piero. *A Igreja é o Evangelho: nas fontes da teologia do Papa Francisco*. Brasília: Edições da CNBB, 2019, p. 11.

³⁴ *Laudato Si'*, 239.

³⁵ *Laudato Si'*, 42.

³⁶ *Laudato Si'*, 11.

³⁷ *Laudato Si'*, 86.

BORTOLETO, Edivaldo José. *Das Variações em torno do anarquismo e do marxismo: um debate ainda necessário aos campos da filosofia da educação*. 39ª Reunião Nacional da ANPED. Universidade Federal Fluminense, 20 a 24 de outubro de 2019.

CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. 17. ed. Rio de Janeiro - São Paulo: Editora Record, 2019.

CODA, Piero. *A Igreja é o Evangelho: nas fontes da teologia do Papa Francisco*. Brasília: Edições da CNBB, 2019.

CONCLUSÕES DE PUEBLA. III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. 5. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1979.

CONCLUSÕES DE MEDELLÍN. II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. 5. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Fratelli Tutti*. Vaticano-Santa Sé: Libreria Editrice Vaticana, S/D.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Querida Amazonia*. São Paulo: Edições Paulinas, 2020.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Amoris Laetitia*. Sobre o amor na família. Brasília: Edições CNBB, 2016.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato Si'*. Sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Edições Paulinas, 2015.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. A Alegria do Evangelho. São Paulo: Paulinas, 2013.

GESTEL, C. Van. *A Igreja e a questão social*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1956.

GUARDINI, Romano. *O fim da Idade Moderna*. Lisboa: Edições 70, 2000.

JOÃO XXIII, Papa. *Carta Encíclica Pacem in Terris*. A Paz de todos os povos na base da verdade, justiça, caridade e liberdade. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, S/D.

KRISTEVA, Julia. Um novo humanismo em dez princípios. Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, 30 de outubro de 2011. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/173-noticias-2011/502342-um-novo-humanismo-em-dez-principios-artigo-de-julia-kristeva>. Acesso em: 20 jul. 2023.

KLOPPENBURG, Frei Boaventura e VIER, Frei Frederico (Introdução e Coordenação). *Compêndio do Vaticano II*. Constituições – Decretos – Declarações. 16. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1983.

LEÃO XIII, Papa. *Carta Encíclica Rerum Novarum*. Sobre a condição dos operários. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, S/D.

MERTON, Thomas. *Homem algum é uma ilha*. Campinas: Verus Editora, 2003.

MONDIN, Battista. *Introdução à Filosofia: problemas – sistemas – autores – obras*. São Paulo: Paulus, 1980.

O'MALLEY SJ, John W. *História católica para a Igreja de hoje: como o nosso passado ilumina o nosso presente*. Petrópolis: Editora Vozes, 2021.

SCANONNE, Juan Carlos. *A teologia do povo: raízes teológicas do Papa Francisco*. São Paulo: Edições Paulinas, 2019.

SCANONNE, Juan Carlos. *O Evangelho da misericórdia em espírito de discernimento: a ética social do Papa Francisco*. Brasília: Edições CNBB, 2019.

VÁRIOS. *Nosso grande segredo: ensino social da Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1993.